

DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO DE LEITE INFORMAL NA MICRORREGIÃO DE PIRASSUNUNGA, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Alexandre de Azevedo Olival²
Marcos Veiga dos Santos³
Andrezza Alves Spexoto⁴

1 - INTRODUÇÃO

Entende-se por leite informal, ou leite clandestino, o produto vendido diretamente pelo produtor ou distribuidor ao consumidor, sem garantias que tenha sido submetido a qualquer tratamento térmico ou que tenham sido obedecidas condições mínimas de higiene exigidas para captação, transporte e comercialização deste tipo de produto (BELOTI, 2002). Esta situação pode acarretar a transmissão de doenças infecto-contagiosas, expondo riscos à saúde de seus consumidores, resultar na sonegação de impostos, com perda de arrecadação de recursos nas diversas esferas administrativas governamentais, além de causar desequilíbrio nas condições de concorrência no mercado (RIOS, 2000).

De acordo com Savitci et al. (1998), 53% do leite comercializado no País em 1994 era de origem informal. Panetta (2000) afirma que tal mercado corresponde a 46% do leite consumido no Brasil. Estudos de Farina et al. (2000) indicam uma produção na faixa de 30% a 40% do total de leite no Brasil como sendo informal. Estas estimativas, apesar de variáveis, permitem inferir que a situação é bastante preocupante no País, sendo necessárias medidas para que esses dados não permaneçam nas estatísticas do mercado de leite nacional.

Muitos fatores foram determinantes no estabelecimento deste quadro. Otani et al. (2001)

constatarem que durante a década de 90 a cadeia produtiva do leite no Brasil e em São Paulo passou por um profundo processo de transformação, tanto em termos estruturais como operacionais, exigindo diversos ajustes e adaptações para se aproximar do nível de qualidade, volume e regularidade que tanto o consumidor quanto o varejo e as empresas laticinistas passaram a demandar. Isso afetou principalmente produtores familiares, que possuíam menor capacidade de captação de recursos para investimentos, contribuindo para a expulsão destes produtores do mercado formal ou então sua reversão ao nível de subsistência. No que diz respeito aos laticínios, as dificuldades em relação à legislação tributária e sanitária fizeram com que alguns deles, principalmente os de pequeno porte e que operam em sua maior parte na fabricação de queijos tradicionais e distribuição do leite, passem a operar no mercado informal, continuando sobrevivendo neste ramo (BORTOLETO e CHABARIBERY, 1998).

Panetta (2000) relata ainda que um outro fator também importante para o surgimento da informalidade e manutenção nos níveis atuais foi a descentralização dos serviços de inspeção sanitária dos alimentos. À primeira vista benéfica, uma vez que atende às peculiaridades de cada região, esse autor comenta que esta descentralização esbarra com a falta de estrutura física e técnica de alguns estados e municípios, absolutamente indispensáveis para a adequação dos serviços e proteção do consumidor. Além disso, a falta de cultura para a qualidade tanto em consumidores quanto em produtores de leite, tendo em vista que estes agentes da cadeia agroindustrial muitas vezes crêem que o produto industrializado seja de pior qualidade em relação ao produto *in natura*, contribui para que esse quadro se perpetue. No estudo realizado por Rios (2000) verificou-se que 61,0% dos consumidores de leite informal apontaram os aspectos nutricionais como principal vantagem no leite cru comercializado diretamente do produtor ao consumidor, e 66,3% não soube-

¹Os autores agradecem a participação de Gustavo B. Mano, aluno da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, a importante contribuição a esta pesquisa e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Processo FAPESP n.2002/01312-1.

²Médico Veterinário, Diretor Executivo do Instituto Fernando Costa (e-mail: ifcost@ig.com.br).

³Médico Veterinário, Doutor, Professor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP) (email: mveiga@usp.br).

⁴Médica Veterinária, Diretora Financeira do Instituto Fernando Costa (e-mail: ifcost@ig.com.br).

ram apontar sequer qualquer desvantagem presente neste tipo de comércio. Estudo conduzido por Olival et al. (2001) no município de Pirassununga, Estado de São Paulo, mostrou que o produto informal pode ser adquirido de ambulantes ou mesmo diretamente nos supermercados, sendo que a participação do queijo informal, no município estudado, foi muito mais importante que o leite fluido. O mesmo estudo indicou que não houve associação entre renda e consumo de leite ou queijo informal, mostrando que populações de todas as classes estão susceptíveis aos riscos que o consumo destes produtos trazem.

Do ponto de vista de saúde pública, estudos realizados por Badini et al. (1996), Correia e Roncada (1997), Hiramoto et al. (2001) e Almeida Filho et al. (2002) demonstram o perigo à saúde que envolve o consumo de leite informal, principalmente devido ao risco de ingestão de microrganismos patogênicos ou suas toxinas, além da possibilidade de ingerir um produto fraudado, seja pela adição de água ou mesmo substâncias nocivas à saúde (antibióticos, peróxidos entre outras). De acordo com Rios (2000), nas comunidades menores, e até nas periferias das grandes cidades, a origem deste produto é conhecida pelo consumidor. Este, no entanto, desconhece as precárias condições sanitárias e de higiene sobre a produção e/ou o manuseio e os conseqüentes riscos à saúde que a exposição a um alimento nestas condições pode acarretar. O mesmo estudo chegou à conclusão que apenas 4,9% dos consumidores de leite informal estavam cientes dos possíveis danos causados à saúde pela ingestão de leite cru.

Segundo Carmo (1998), o desafio da produção de alimentos em uma economia globalizada e flexível implica, no Brasil, a retomada das discussões sobre políticas públicas amplas e diferenciadas, reforma agrária, agricultura familiar e segurança alimentar. Otani et al. (2001) concluíram que os produtores de leite têm maiores condições de responder rapidamente às ações de políticas públicas quando comparados a outros produtores do meio agropecuário, realçando ainda mais a importância de estudos que mostrem o tamanho do mercado informal, para conseqüente implantação de medidas que visem o aprimoramento e o crescimento da atividade.

Assim, o objetivo desta pesquisa é identificar e caracterizar os produtores de leite informal da microrregião de Pirassununga, Estado de São

Paulo, compreendendo os municípios de Aguaí, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras e Pirassununga, gerando informações para futuros programas com vistas à inibição deste comércio ilegal de produtos.

2 - MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa desenvolveu-se na microrregião de Pirassununga, compreendendo os municípios de Pirassununga, Aguaí, Santa Cruz das Palmeiras e Porto Ferreira, entre junho e agosto de 2002. Utilizando-se os dados da Casa da Agricultura de cada município estudado, chegou-se ao número total de produtores rurais com fêmeas bovinas acima de 24 meses de idade (591 produtores). Estes produtores foram estratificados de acordo com o número de animais por propriedade, a saber: Grupo I: até 09 animais (302 produtores); Grupo II: de 09 a 19 animais (118 produtores); Grupo III: de 20 a 49 animais (122 produtores); e Grupo IV: acima de 50 animais (49 produtores).

Foram realizadas 87 entrevistas estruturadas com os produtores da microrregião, respeitando a proporção entre o número de propriedades dentro de cada grupo e o número de propriedades total. Dessa forma, procederam-se 43 entrevistas no Grupo I, 17 no Grupo II, 17 também no Grupo III e 10 no Grupo IV. Cada propriedade foi designada por um número, sendo realizado um sorteio para definição das propriedades a serem visitadas.

Os formulários que serviram de base para as entrevistas foram previamente testados em produtores não participantes da pesquisa, com o objetivo de ajustar falhas na formulação das perguntas ou dificuldade em anotação de resultados. As entrevistas foram realizadas por pessoal treinado previamente, de maneira a padronizar as perguntas e a abordagem dos produtores.

Todos os resultados obtidos foram tabulados, sendo as freqüências das respostas submetidas à análise estatística, utilizando-se o teste de Qui-quadrado (χ^2) através do programa estatístico EPI INFO (DEAN et al., 1996).

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido ao fato de o único dado disponível junto às Casas da Agricultura, para inferir so-

bre o provável número de produtores de leite da microrregião estudada, ser o “*número de fêmeas bovinas com idade superior a 24 meses*”, que não retrata fielmente os produtores de leite do local (tendo em vista que podem existir produtores com animais destinados ao corte nesta faixa), os dados foram trabalhados com base na produção diária de cada propriedade, segundo levantamento realizado durante as entrevistas.

Os produtores com produção menor que 19 l/dia representam cerca de 36,8% do total de produtores da microrregião, todos caracterizados no Grupo I da classificação original (baseada no número de fêmeas bovinas acima de 24 meses de idade). A seguir encontram-se os produtores de 50 a 99 l (16,1% do total), divididos entre os Grupos I, II e III. Os produtores entre 20 e 49 litros representam 10,3% dos produtores totais. Dessa forma, mais de 63% dos produtores de leite da microrregião produzem até 100 l/dia, sendo que cerca de 47% dos produtores produzem menos de 50 l/dia, ressaltando a predominância na região estudada dos pequenos produtores de leite (Tabela 1). Castro e Portugal (2000) destacam que, em 1999, 40,41% dos fornecedores de leite para uma das maiores cooperativas do País entregavam até 50 l/dia, assim como grande parte dos produtores de leite no Brasil. Dessa maneira, encontra-se certa similaridade entre o tamanho da produção média de leite na região estudada e a produção média no Brasil.

Observou-se ainda que os produtores com volume de produção menor que 20 l/dia não possuem no leite uma fonte importante de renda para a propriedade, sendo todo o produto destinado ao autoconsumo - conforme aponta Farina et al. (2000). O leite de autoconsumo é caracterizado como o leite produzido e consumido na própria fazenda, seja pelo proprietário ou mesmo pelos funcionários, caracterizando um tipo especial de informalidade (Tabela 2). Já os demais produtores possuem no leite ou a fonte principal de renda para a propriedade (principalmente produtores com um volume diário de leite maior que 100 l), ou a segunda principal fonte de renda (produtores de 19 a 49 l/dia), ou mesmo um complemento das atividades (produtores com 50 a 99 l/dia). Deve-se destacar que os produtores com volume de produção de 20 a 49 l/dia e 50 a 99 l/dia têm na informalidade a principal forma de sobrevivência na atividade (Tabela 3).

Para os produtores entre 19 e 50 l, a produção de leite é uma “atividade secundária”, pois gera renda menor que a agricultura ou outras atividades. Sendo assim, mais de 66% das propriedades pertencentes a este estrato têm como atividade principal outro tipo de exploração (Tabela 4). Ainda que a renda oriunda da produção de leite seja pequena, ela é contínua, podendo ser mensal, semanal ou mesmo diária, conforme o sistema de pagamento pelo leite, viabilizando muitas vezes a sobrevivência deste produtor até o período da safra, quando então ele formará a sua renda principal. Já os produtores na faixa de 50 a 100 l têm na atividade leiteira apenas um complemento da renda total da propriedade, ou seja, o leite é responsável por gerar uma renda menor que todas as outras atividades dentro da propriedade, sendo a agricultura a principal geradora de renda para o produtor (Tabela 4). Este fato vem de encontro às citações de Jank; Farina; Galan (1999), que comentam que grande parte da produção de leite no Brasil ainda é oriunda de produtores “extrativistas”, para os quais o leite representa uma fonte adicional de liquidez mensal. Os autores destacam ainda que um dos grandes desafios para o pleno desenvolvimento da cadeia agroindustrial do leite no Brasil é a conciliação de propostas para esta classe de produtores, tendo em vista que seus objetivos diferem substancialmente dos objetivos dos chamados produtores “especializados”.

Foram levantados ainda parâmetros na intenção de verificar aspectos referentes à mão-de-obra e infra-estrutura das propriedades, com o objetivo de caracterizar o grau de modernização das propriedades. Observou-se, assim, que 72,4% das propriedades da microrregião ainda operam com ordenha manual, principalmente aquelas que comercializam leite informal (Tabela 5). Além disso, 51,7% dos produtores não refrigeram o leite na propriedade, somando-se ao número de produtores que congela o leite na propriedade (procedimento incorreto que pode acarretar em prejuízo para a qualidade do leite), atinge-se 64,4%, com destaque novamente para os pequenos produtores informais (Tabela 6). Somente produtores com volume de produção superior a 200 l utilizam de forma sistemática os tanques de refrigeração, equipamento obrigatório de acordo com a Instrução Normativa n. 51, de 18/09/2002 (BRASIL, 2002). Embora a utilização de equipamentos de ordenha e tanques de refrigeração do leite não in-

TABELA 1 - Número de Produtores Entrevistados de Acordo com o Número de Fêmeas Bovinas acima de 24 meses e Volume da Produção Diária de Leite, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção de leite (l/dia)	Grupo ¹ (número de fêmeas/rebanho)				N. total de produtores amostrados
	I	II	III	IV	
≤19	32	0	0	0	32
20 ≤ 49	6	3	0	0	9
50 ≤ 99	3	9	2	0	14
100 ≤ 199	2	2	5	0	9
200 ≤ 399	0	3	6	0	9
400 ≤ 999	0	0	4	3	7
≥ 1.000	0	0	0	7	7
Total	43	17	17	10	87

¹Grupo I: até 09 animais (302 produtores); Grupo II: de 09 a 19 animais (118 produtores); Grupo III: de 20 a 49 animais (122 produtores); e Grupo IV: acima de 50 animais (49 produtores).

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 2 - Probabilidade de Associação entre as Variáveis Importância Econômica da Atividade Leiteira e Volume da Produção Diária de Leite¹, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção diária (l)	Importância da atividade leiteira			
	Complemento ²	Secundária ³	Principal ⁴	Sem importância ⁵
≤19	0,01	0,01	0,01	>0,99 ¹
20 ≤ 49	0,89	0,99 ¹	0,02	0,01
50 ≤ 99	0,95 ¹	0,40	0,57	0,02
100 ≤ 199	0,31	0,66	0,88	0
200 ≤ 399	0	0,47	0,97 ¹	0
400 ≤ 999	0,44	0	0,99 ¹	0
≥ 1.000	0	0,55	0,94 ¹	0

¹Nível de significância de 95%; tendência para P=0,94.

²Atividade que gera uma renda menor que todas as outras da propriedade, segundo o produtor.

³Atividade que gera a segunda maior renda na propriedade, segundo o produtor.

⁴Atividade que gera a maior renda na propriedade, segundo o produtor.

⁵Atividade sem nenhuma importância econômica para a propriedade, segundo o produtor.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 3 - Probabilidade de Associação entre as Variáveis Destino da Produção de Leite e Volume da Produção Diária de Leite¹, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção diária (l)	Destino da produção de leite		
	Informalidade	Formalidade	Autoconsumo
≤19	0,01	0,01	>0,99 ¹
20 ≤ 49	>0,99 ¹	0,08	0,64
50 ≤ 99	>0,99 ¹	0,51	0,03
100 ≤ 199	0,09	>0,99 ¹	0,59
200 ≤ 399	0,09	0,85	0,12
400 ≤ 999	0,57	0,99 ¹	0,01
≥ 1.000	0,05	>0,99 ¹	0,10

¹Nível de significância de 0,95; tendência para P=0,94.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 4 - Produtores Amostrados de Acordo com as Atividades Principais Desenvolvidas nas Propriedades e com o Volume de Produção Diária¹, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção diária (l)	(%)						Número de produtores
	Agri. ²	Leite	Carne bovina	Carne suína	Carne de aves	Outras	
≤19	62,5	9,37	0	6,25	6,25	12,5	32
20 ≤ 49	33,33	33,33	0	0	0	33,33	9
50 ≤ 99	64,29	28,57	7,14	0	0	0	14
100 ≤ 199	44,44	55,56	0	0	0	0	9
200 ≤ 399	22,22	77,78	0	0	0	0	9
400 ≤ 999	14,29	85,71	0	0	0	0	7
≥ 1.000	28,57	71,43	0	0	0	0	7

¹Porcentagem elaborada de acordo com o número de produtores dentro de cada estrato de volume de produção.

²Envolve diversos tipos de produção, como cana-de-açúcar, laranja, soja ou algodão.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 5 - Produtores Amostrados de Acordo com o Tipo de Ordenha e com o Volume Diário de Produção¹, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção diária (l)	(%)			Total
	Ordenha manual	Ordenha mecânica tipo balde ao pé	Ordenha mecânica com leite canalizado	
≤19	100,00	0	0	39,1
20 ≤ 49	100,00	0	0	13,8
50 ≤ 99	92,86	7,14	0	10,3
100 ≤ 199	66,67	33,33	0	11,5
200 ≤ 399	33,33	55,56	11,11	9,1
400 ≤ 999	0	57,14	42,86	8,1
≥ 1.000	0	0	100	8,1
Total (% com base no N Total)	72,4	14,9	12,6	100,00

¹Porcentagem elaborada de acordo com o número de produtores amostrados em cada grupo.

Fonte: Dados da pesquisa.

TABELA 6 - Produtores Amostrados de Acordo com o Tipo de Refrigeração do Leite e com o Volume Diário de Produção¹, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002

Produção diária (l)	(%)				Total
	Tanque de expansão	Tanque de imersão	Congelamento do leite	Não refrigera	
≤19	0	0	3,5	35,6	39,1
20 ≤ 49	1,1	0	3,5	9,2	13,8
50 ≤ 99	1,1	3,5	2,3	3,5	10,4
100 ≤ 199	5,7	2,3	2,3	1,1	11,4
200 ≤ 399	5,7	1,1	0	2,3	9,0
400 ≤ 999	6,9	0	1,1	0	8,0
≥ 1.000	8,0	0	0	0	8,0
Total	28,5	6,9	12,7	51,7	99,7

¹Porcentagem elaborada de acordo com o número total de produtores amostrados

Fonte: Dados da pesquisa.

diquem necessariamente uma qualidade boa para o leite, nem índices de produtividade adequados, estes resultados demonstram a falta de investimentos na atividade, que ainda é realizada de forma extrativista.

Finalmente, verificou-se que nas pequenas propriedades há o predomínio da mão-de-obra familiar. Nos estratos em que o leite é

voltado ao mercado informal esta mão-de-obra representa grande parte do pessoal envolvido na atividade. À medida que há aumento na produção diária e o leite desempenha papel econômico mais importante (fonte principal de renda), aumenta o número de funcionários envolvidos na atividade (funcionários permanentes) (Tabela 7).

TABELA 7 - Produtores Amostrados de acordo com o Tipo de Mão-de-Obra e com o Volume Diário de Produção, Microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo, 2002 (%)

Produção (l/dia)	Somente mão-de-obra familiar	Mão-de-obra permanente e familiar	Somente mão-de-obra permanente	Total
≤19	73,4	0	26,6	100
20 ≤ 49	100	0	0	100
50 ≤ 99	66,9	0	33,1	100
100 ≤ 199	40	20,0	40,0	100
200 ≤ 399	11,9	38,0	50,0	100
400 ≤ 999	0	0	100	100
≥ 1.000	0	28,75	71,25	100

Fonte: Dados da pesquisa.

4 - CONCLUSÕES

Conclui-se pela presente pesquisa que a produção de leite informal na microrregião de Pirassununga está concentrada nas pequenas propriedades, que produzem entre 19 e 100 l de leite. A mão-de-obra principal é a familiar, sendo baixo o nível de tecnificação da atividade, tendo em vista o reduzido número de propriedades com

tanques de resfriamento para o leite ou ordenha mecânica. Para as propriedades de 19 a 50 l/dia de leite representa papel importante dentro da geração de recursos financeiros para o produtor, enquanto para as propriedades com produção menor que 19 l/dia toda a produção é destinada ao autoconsumo, e as com produção entre 50 e 100 l/dia apenas um complemento das demais atividades.

LITERATURA CITADA

ALMEIDA FILHO, E. S. et al. Perfil microbiológico de queijo tipo minas frescal de produção artesanal e inspecionada, comercializado no município de Cuiabá, MT. **Revista Higiene Alimentar**, São Paulo, v. 16, p. 51-56, 2002.

BADINI, K. B et al. Risco à saúde representado pelo consumo de leite cru comercializado clandestinamente. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 549-52, 1996.

BELOTI, V. Leite clandestino: quem tem medo do lobo mau?. Disponível em: <http://www.milkpoint.com.br/mn/espaco_aberto/artigo.asp?id_artigo=1079&area=23>. Acesso em: nov. 2002.

BORTOLETO, E. E.; CHABARIBERY, D. Leite e derivados: entraves e potencialidades na virada do século. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 28, n. 9, p. 25-36, set. 1998.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa n. 51 de 18 de setembro de 2002. Regulamento Técnico de Produção, Identidade e Qualidade do Leite Tipo A, do Leite Tipo B, do Leite Tipo C, do Leite

Pasteurizado e do Leite Cru Refrigerado e o Regulamento Técnico da Coleta de Leite Cru Refrigerado e seu Transporte a Granel. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de set. de 2002. Seção 3. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/das/dipoa/in51.htm>> Acesso em: 25 set. 2002.

CASTRO, M. C. D.; PORTUGAL, J. A. B. **Perspectivas e avanços em laticínios**. Juiz de Fora: EPAMIG, 2000.

CARMO, M. S. A produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 45, t. 1, p. 1-15, 1998.

CORREIA, M.; RONCADA, M. J. Características microscópicas de queijos prato, mussarela e mineiro comercializados nas feiras livres da Cidade de São Paulo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 296-301, 1997.

DEAN, A.G et al. **Epi Info, Version 6.04a, a word processing, database, and statistics program for public health on IBM-compatible microcomputers**. Atlanta: Centers for Disease Control and Prevention, 1996.

FARINA, E. M. M. Q. et al. Leite clandestino: um problema real. **Boletim do Leite**, São Paulo, v. 7, n. 81, p. 1-2, 2000.

HIRAMOTO, R. M. et al. Infectivity of cysts of the ME-49 *Toxoplasma gondii* strain in bovine milk and homemade cheese. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 113-8, 2001.

JANK, M. S.; FARINA, E. M. Q.; GALAN, V. B. **O agribusiness do leite no Brasil**. São Paulo: Milkbizz, 1999. 108 p.

OLIVAL, A. A. et al. Hábitos de consumo do leite informal associados ao risco de transmissão de doenças no município de Pirassununga, SP. **Revista Higiene Alimentar**, São Paulo, v. 16, p. 35-40, 2001.

OTONI, M. N. et al. Caracterização e estudo da agricultura familiar: o caso dos produtores de leite do município de Lagoinha, estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 43-74, abr. 2001.

PANETTA, J. C. Clandestividade ameaça cadeia produtiva de alimentos. **Revista Higiene Alimentar**, São Paulo, v. 14, p. 3, 2000.

RIOS Estudos e Projetos. Consumo de leite informal no Brasil. In: ESTUDOS e análise da Economia Leiteira. Disponível em: <http://www.terraviva.com.br/servicos_estudos.htm#> Acesso em: nov. 2000.

SAVITCI, L. A. et al. Usinas de beneficiamento de leite: otimização de empreendimentos de pequeno porte. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 7-13, dez. 1998.

DIAGNÓSTICO DA PRODUÇÃO DE LEITE INFORMAL NA MICRORREGIÃO DE PIRASSUNUNGA, ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é identificar e caracterizar os produtores de leite informal na microrregião de Pirassununga, Estado de São Paulo. Para isso foram realizadas 87 entrevistas com produtores de leite dos municípios de Pirassununga, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras e Aguaí (de um total de 591 produtores) entre julho e agosto de 2002. Os resultados mostram que a produção informal de leite está concentrada nos pequenos produtores, principalmente nos que produzem entre 19 e 50 l de leite/dia e que têm na atividade leiteira a segunda principal fonte de renda da propriedade.

Palavras-chave: leite informal, produtores de leite, qualidade do leite.

**DIAGNOSIS OF INFORMAL MILK PRODUCTION IN
THE PIRASSUNUNGA MICRO REGION, SÃO PAULO STATE**

ABSTRACT: *The aim of the present research is to identify characteristics of the informal milk production in the area of Pirassununga, São Paulo State. To that end, 87 interviews were accomplished with milk producers from the municipal districts of Pirassununga, Porto Ferreira, Santa Cruz das Palmeiras and Aguaí (from a total of 591 producers) between July and August of 2002. The results show that the informal milk production is concentrated on the small producers (between 19 and 50 liters/day) that have milk production as the second source of income of the property.*

Key-words: *milk production, informal sector, milk quality.*

Recebido em 14/01/2003. Liberado para publicação em 03/04/2003.

Informações Econômicas, SP, v.33, n.7, jul. 2003.